

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I.º ANNO

1º de Junho de 1862.

XVIII.

SUMMARIO.

| | |
|---|--------|
| AGULHA EM PALHEIRO, por Camillo Castello Branco. | p. 565 |
| VIAGENS. PORTO-FELIZ. (S. PAULO) por A. E. Zaluar | p. 571 |
| LITTERATURA PORTUGUEZA. DIOGO BERNARDES, por Leonel de Sampaio ... | p. 574 |
| CREIO EM TI, por Ernesto Cibrão | p. 580 |
| JUPTER, por F.X. de Novaes | p. 582 |
| CHRONICA, por Machado de Assis | p. 594 |

RIO DE JANEIRO

TYP. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N.17

Agulha em palheiro.

(Continuação.)

VIII.

Demoremos em Portugal algum espaço. A imaginação, que tem andado acorrentada aos apontamentos lá por essas terras lindas, mas alheias, já tem saudades das suas.

Cá estamos em Lisboa, na Calçada do Sacramento, em casa do artista Francisco Lourenço.

Estão os dous velhos á meza, onde o almoço lhes arrefece. Nenhum põe mão em comida. Encaram-se, e choram. Gracinda e Genoveva sahiram hontem para casa de seus maridos. Estão ali as cadeiras d'ellas, e sobre a meza as chavenas do almoço, e os guardanapos que lhes serviram dous dias antes.

— E sahiram sem lagrimas! disse o artista, com a voz golpeada de soluços.

— Como eu sahi de casa de meus pais para a tua... — respondeu a mulher.

Mas que tristesa... que solidão esta, Maria!... Nem o filho! nem agora, Fernando, de mais a mais, enfermo, tão longe de nós! Que fins de vida os nossos, mulher! Como eu de longe via isto tão differente! Fallava-te no praser de acabarmos entre filhos e netos! Vê tu! ninguem, ninguem comnosco!

— Tem paciencia, homem, tem paciencia! Fernando hade vir, logo que esteja bom. As pequenas prometteram passar o domingo comnosco. Para a primavera, vamos todos para o Cartacho. Não te afflijas, Francisco. Isto, assim triste e sosinho, é hoje. A gente affaz-se a tudo.

— Affaz-se á ingratidão dos filhos? — interrompeu o artista.

— Ingratidão! Não é ingratidão! As meninas casaram com o teu consentimento: não foram ingratas.

— Sahiram sem verter uma lagrima.

— Pois que queres tu? O Evangelho não diz? «deixarás pai e mãe»? Deixaram pae e mãe por seus maridos. E' lei da natureza. Que havemos nós fazer-lhe? Almoça, Francisquinho, almoça.

— E tu que fazes? por que não almoças?

— Que queres tu! não posso. Tenho um nó na garganta.

— Também eu... E Fernando longe de nós, Maria!... Que te diz o coração?

— Que não tarda ahí. Talvez já venha a caminho. Se vier, não temos carta para a semana. Se estiver ainda doente, escreve-nos. Depois nos lastimaremos, homem... Não tentemos a Deus.

A carta, não desejada, chegou. Fernando dizia estar ainda doente, e não poder assignalar o tempo da sua volta. A linguagem era triste: dir-se-ia que a mentira lhe custava lagrimas. Os pais inferiram da tristeza a gravidade da doença. Francisco pensou em ir a Italia; mas via ali sua mulher sosinha, enferma de saudades, e mais lastimosa que elle. Esperou nova carta, contando os minutos por ancias, que o avelhentavam rapidamente. Ia, com sua mulher, buscar alivios a casa das filhas: encontrava uma e outra contentes, cuidando das suas occupações domesticas, cariciosas para os maridos, e levemente commovidas com as afflições dos pais. A linguagem d'uma era a da outra:

— Não se inquietem, que o Fernando hade vir.

Póde ser que nem esteja doente. Anda por lá a divertir-se, e vem quando estiver farto.

Os velhos sahiam mais acabrunhados das frivolas consolações das filhas e genros.

Passadas semanas, chegou nova carta. Fernando, aconselhado pelos medicos, ia convalescer para Napolos; e, logo que estivesse restaurado, voltava para Portugal, immediatamente. Era o resumo da carta; mas o dizer era mais escuro; e a espaços lhe tinham fugido uns desmentidos á falsidade. Taes como: *Tenho desejado a morte: o futuro é negro, mais negro que a sepultura.* E n'outro relanço: *Eu nunca devia ter sahido da nossa casa do campo. A má estrella não me acharia n'aquella obscuridade.* E finalmente rematando a carta dizia: *Quem sabe se eu tornarei a vê-los, meu querido pae, e minha santa mãe?... Tenho presagios terriveis...*

Era para muita pena ver os dous velhos, cada um a seu lado, com o rosto entre as mãos, arrancando soluços e exclamações, que ninguem consolava!

— Que mal fizemos nós a Deus! — clamava Francisco. — Não fui eu sempre bom filho, bom marido, e bom pae? A quem fiz eu mal voluntario neste mundo? Quem se queixa de mim ao ceu, para me ver assim, e te ver ahí, pobre mulher, sem consolação de tuas filhas? Que desgraças são estas de Fernando! — prosseguia o artista, relendo a carta. Na doença pouco falla: nunca me disse que doença tinha... *Tenho desejado a morte: o futuro é negro, mais negro que a sepultura!*... Vê tu estas palavras, Maria! Eu não lhe tenho faltado com as ordens do dinheiro muito a tempo. Já lhe escrevi admirando e louvando que elle gastasse muito menos do que eu esperava! Tem tudo o que quer de mim, e hade ter, se Deus me não transtornar a

vida, meios abundantes para viver com decencia.... Então por que se chora elle? que *má estrella* o persegue? por que *não hade tornar a ver-nos*?

— A mim... — atalhou Maria — certo é que não... Pouco tenho de vida, Francisco...; mas, olha, meu filho, sabes tu o que me lembrou agora de repente?...

— Diz, Maria...

— Estará Fernando por la apaixonado? Queres tu ver que elle olhou para alguma senhora, que o traz em torturas, e o pobre rapaz não tem coração que o tire de la para fóra?

— A fallar a verdade — disse Francisco — a idade das paixões é a d'elle... Póde ser que adivinhasses, mulher, e oxalá que sim... Se a paixão fôr boa, o resultado bom hade ser; se for má, ou impropria d'elle, o tempo hade cural-a... Mas isto não alivia a nossa dôr, Maria! Eu preciso de ver Fernando; quero com a minha presença redusil-o aos seus deveres; não tenho meio de saber o que isto é, se não for em pessoa procural-o. Deixas-me tu ir, mulher?

Maria deteve a resposta alguns segundos, expediu um gemido do fundo d'alma, e murmurou:

— Vai, Francisco, vai. Eu irei para casa de uma das filhas, se tu quiseres. Não te pèço que me leves contigo para te não dar que soffrer na viagem. Sinto-me muito doente. Vieram as afflições juntas, e acabaram-me... Pois vai, e não te demores. Diz a Fernando que me venha dar um abraço, que eu quero despedir-me d'elle; e, depois, que torne para onde estiver' melhor.

Francisco Lourenço, sem mais preparativos que um passaporte e dinheiro, sahio de Lisboa no primeiro navio que lhe deu passagem para porto de Italia.

IX.

A gente não acaba de capacitar-se d'isto, diz o final do capitulo VII, a proposito dos anjos, que em pousando pé no mundo, perdem memoria do ceu, e aclimam-se logo nestes pantanos, cujas exhalações pestilenciaes teimam poetas em dizer que sobem a glorificar o Creador!

Vamos ao essencial.

Paulina escreveu um bilhete assim:

« O papá é muito desconfiado. Tenha muita cautella, se a se-
« paração lhe é tão dolorosa como a mim. Não passeie na praça do
« Dome áquellas horas. O papá dorme sempre desde as quatro até ás
« sete. Eu tenho uma creada de confiança a quem póde entregar as
« suas cartas. Adeus. Guarde com amor estas florinhas. »

Dobrou em tira estreita o bilhete e cingiu-o em volta das hastes do ramo.

Veja agora a leitora, mais superciliosa em pontos de dignidade e pudor senhoiril, como os extremos se tocam! O que o despejo e de-

senvoltura teria feito, é a innocencia e candura que o faz neste caso, nestes amores começados com tal qual originalidade! Aposto que nenhuma dama, amestrada em galanterias, escriptora de resmas sobre resmas de cartas amorosas, se affoitaria a escrever aquellas linhas, sem previamente ter recebido irrefragaveis provas escriptas e oraes d'uma paixão homicida! Escrever a um homem sem ter sido a isso mil vezes sollicitada! enodoar assim o amiculo virginal! dar uma menina a saber que é capaz de compor um periodo com sugeito, verbo, e caso!

Eu não louvo meninas que escrevem bilhetes e se sugeitam a uma analyse de regencia; porém, não sei sobre que argumentos heide fundar a censura. Não censuro, nem louvo. A moral é uma questão de felicidade, segundo as regras do dever, neste mundo. Ora, a meu juizo, a moral tanto se lhe dá que Paulina escrevesse primeiro a Fernando, como Fernando a Paulina. Além de que, a desmoralisação é o escandalo. Escandalo, neste facto, se alguém o dá, sou eu, que conto a historia; porém, provando eu a final que o acto em si era innocente e as consequencias não desfitaram do mais honesto scopo, é justo que me descoimem do escandalo, e agradeçam a historia.

Em quanto á felicidade, segundo as regras do dever, sou'a dizer-lhes que não ha nada mais incerto que as regras do dever em materia de felicidade neste mundo. Muita gente vai direito á razão pela estrada do paradoxo. Outra muita gente, a fugir da absurdidade, quebra as pernas no barranco da razão. Uma menina escreve um bilhete a um homem: o mundo sabe-o e vitupera-a. Outra menina faz-se vermelha de lacre, ao receber a primeira carta d'um homem: o mundo tem noticia d'um pudor tamanho, e cita o exemplo desta santa a quantas meninas o demonio tentador negaceia. Vai, depois, á primeira abre-se um coração de anjo, uns braços de esposo, e um horisonte de summa felicidade; e á segunda, que em solteira não ousára escrever duas linhas a furto d'olhos maternos, depara-se-lhe um marido, que só viu n'ella o merecimento boçal de não saber caligraficamente dizer que o amava! O primeiro perguntava á sua: « porque me escreveste? » e ella responde-lhe: — amava-te. — O segundo faz a mesma pergunta á sua; e ella, a pudica, a santa do pejo, hade por mais que tergiverse, responder-lhe: « não te escrevi, por que me não merecias confiança. » Uma exalta; a outra rebaixa: uma faz-se amar pelo duplo prestigio de sua innocencia; a outra deve entediar, mais cedo que o costume, por que imbau a gente, incampando como innocencia uma boa dose de velhacaria. Ha muito disto; mas não é assim tudo. Ja disse que regras fixas nenhuma ha. As meninas n'este ponto, consultem as damas virtuosas e illustradas. A mim não me chamem para cousas de tamanha responsabilidade. Nestes combates das paixões, os romancistas são como os escrevedores que os antigos cabos de guerra levavam consigo para historiarem as carnificinas: ficam-se ca de longe alapados a verem o fôgo, e relatam ao universo os varios successos.

Tomemos ao essencial.

Fernando Gomes viu entrar as meninas na sala, em que Bartholo de Briteiros lhe andava mostrando alguns bustos de Bartholini, famigerado esculptor de Florença, que cizelara também os bustos de Paulina e Eugenia. Estava o magistrado encarecendo com voluptuoso entusiasmo a Bacchante de Bartholini, que elle vira na galeria do duque de Devonshire, e contava d'um francez que chegára a Florença, e pedira venia ao sculptor para dar um beijo na sua Bacchante, beijo ardente que parecêra filtrar fogo nos beiços marmoreos da lasciva tentadôra.

Bartholo mudou de tom, quando ouviu o ciciar de sedas. Entraram as meninas, e aproximaram-se do piano. Eugenia tocou: Paulina cantou uma aria da Norma; e, durante o alegre, como o chapeo de Fernando estivesse sobre a cadeira contigua ao piano, e os olhos de Fernando n'ella, e os de Bartholo n'uma estatua da Sabina de João de Bolonha, a menina lançou no chapeo o ramo.

Fernando viu, e sentou-se; sentou-se violentado por umas caimbras de pernas. Parece que devia ser unicamente abalado o coração; mas estôu em crer que homem amante é todo e em tudo coração.

D'ahi a pouco, eram horas de jantar

Fernando ouviu o chamamento d'um escudeiro agaloado. Tomou o chapeo: não lhe podiam as mãos convulsas com o thesoiro. Aterrava-o a magnitude da sua felicidade. O quer que era de idiota lhe desmanchava as feições. Bartholo convidou-o a jantar cerimoniosamente. Fernando balbuciou expressões confusas de reconhecimento, ajustando bem cerradas com o peito as abas do chapeo, e sahiu.

Não lhe cabia o coração no quarto da hospedaria. Queria o sol, o azul do ceu, os pinhaes, os vinhedos, e as flores das margens do Arno como testemunhas de sua alegria!

A'quella mesma hora, é que os dous velhos, na Calçada do Sacramento, se abraçavam, debulhados em lagrimas, e disiam:

— Que mal fizemos a Deus!

Que faces a vida tem!

Fernando leu um poema em cada letra d'aquelle insignificante escripto. *Insignificante*, digo! Injustiça de crytico litterario, que só vê a magestade do entendimento humano nas ramagens floridas do estylo! Como *insignificante*! Cada palavra d'aquelle singello bilhete salvaria Leopoldo Roberto, Chatterton, e quantos por amor se tem lançado nos braços da morte! Dai a cada desventurado, em trances de suicidio, um bilhete assim, de mulher como aquella, e eu vos restituirei um homem com vida exuberante, com alma recaldeada para todas as adversidades, com amor a Deus e aos homens, retemperado de juizo para se predispor aos gosos da velhice, e d'uma numerosa posteridade — destino do homem mais efficaçmente averiguado e demonstrado.

Ao escurecer, Fernando voltou a Florença, e velou a noute inteira, escrevendo. Quando os primeiros raios do sol lhe douraram a ultima pagina da carta a Paulina, a cabeça do moço, calcinada pela febre da felicidade, pendeu sobre a mēsa, e immergiu em não melhores delicias de sonhos.

Despertaram-no para lhe entregarem uma das successivas cartas, que seu pae lhe estava sempre mandando, quer por navios que saham de Lisboa, para França, quer pelo correio de Espanha.

Que melancolica tranzicção a da leitura das suas paginas arrebatadas para este chão e monotono escrever do artista :

« Lemos a tua carta com muita magoa. Bem me dizia o coração que tu não vinhas! A tua falta entristece mais esta separação de tuas irmans. Se ao menos tivesses saude, Fernando! Mas doente, sem me dizeres que molestia soffres, isto augmenta a afflicção de teus velhos paes. Muito enfermo debes estar para, mesmo com sacrificio, não accudires á nossa saudade! Deus te alivie, e encaminhe para nós.

« Vejo que essa cidade te prende mais que as outras; mas foi-te ingrata, filho. Tiveste saude em toda a parte, e só ahi adoeceste, dizendo-me tu que era um clima celestial o de Florença.

« Talvez te prendessem as memorias d'aquelle poeta que tu me lias, ha annos. Era Dante, se bem me lembro; mas eu queria que o teu coração de filho vencesse os praseres do espirito; queria que nos não esquecesses por amor da sciencia.

« Isto não são queixumes, Fernando, não são. E' rabugice estar eu a ralhar contigo por que a doença te impede de vir. O que eu te rogo, e mando, filho, é que, assim que forças t'o permittirem, venhas dar contentamento á tua boa mãe, que está muito acabadinha, e mais depressa irá ao seu fim, se desconfiar que nos esqueceste.... »

A carta prosseguia assim por longo espaço de papel, manchado de lagrimas.

Fernando não tinha a força d'alma que caracteriza os homens grandes. Estamos vesados a dar carta de grandeza a uns vermes que não tem lagrimas, nem se deixam alquebrar de vulgares contingencias da vida. O filho do artista depoz a carta, e murmurou :

— Meus queridos pais! como eu vos sacrificio sem saber a quê!.. Pude enganar-vos para me gosar das primicias d'alguma grande desgraça!...

E, respondendo a esta carta, escreveu aquella, em que translusia a muito acerbo providencia do seu futuro, com frases incongruentes, e por virtude da qual Francisco Lourenço se fizera no caminho de Napolles.

(Continúa.)

C. CASTELLO BRANCO.

VIAGENS.

PORTO-FELIZ

(S. PAULO.)

(Continuação).

Já que fallamos nestas navegações gigantescas, que, segundo a phrase de M. A. de Saint-Hilaire, enchem de assombro os Europeus habituados a esses mesquinhos riachos, digamos algumas palavras acêrca do roteiro traçado pelos navegantes, que se empenhavam neste rude trajecto, e que vencendo as inumeraveis cachoeiras do rio, chegaram até o seu confluyente no Paraná, onde lhes era facil passar ao Rio da Prata, ou a Goyaz e á embocadura do Tocantins, ou finalmente a Cuiabá e Matto-Grosso.

Eis como o citado autor descreve esta arriscada e audaciosa viagem, emprehendida por terra e por agua.

« Quando se quer ir a Matto-Grosso pelos rios, embarca-se em Porto-Feliz em grandes pirogas. A quatro leguas desta cidade, encontra-se a freguezia da *Santissima Trindade de Pirapóra*, que, em 1842 e 1844, foi elevada a villa com o nome de *Villa de Pirapóra*; depois percorre-se uma extensão immensa de territorio, pelo meio sempre dos desertos. Ao cabo de vinte cinco ou vinte e seis dias, chega-se ao confluyente do Tieté, desce-se o Paraná, n'um espaço perto de 30 a 35 leguas; depois sobe-se o *Rio Pardo*, e gasta-se muitas vezes dous mezes para andar estas 80 leguas pelo rio, iriçado, como o Tieté, de uma immensidade de cachoeiras e de cascatas. Chegando ao rio *Sanguexuga*, que se lança no Rio Pardo, conduzem-se as canôas para terra, e carregam-se, bem como as bagagens que transportam, em carros de quatro rodas puchados, por seis ou sete juntas de bois. Os carros são fornecidos pelo primeiro proprietario brasileiro ou portuguez que se encontra, em Pirapóra, nessas immensas solidões, a que se dá o nome de *fazenda de Camapuan*. E' nesta *fazenda*,

situada ás margens d'um pequeno ribeiro assim designado (*Rio Camapuan*) que os carros, depois de haverem tranposto uma área de perto de tres leguas por entre as mattas e os campos, transportam as pirogas. Em *Camapuan*, que pertence já á provincia de Matto-Grosso, acham-se diversas proviões, taes como milho, toucinho, feijão, e carne secca; mas ainda se não chegou senão á metade da viagem. —

No rio *Camapuan* as canôas não podem receber mais que meia carga. Daqui passa-se ao *Rio Cochim*, onde grande numero de cachoeiras, offerecem ainda muitos obstaculos ao navegante. O Cochim leva as pirogas ao rio *Taquary*, mais largo que o precedente. Na sua confluencia topam-se ainda muitas cascatas que é preciso vencer e um pouco mais adiante outras que se chamam *Belliago*: estas, menos difficeis que as anteriores, são, diz o padre Manoel Ayres do Casal, os ultimos dos cento e treze saltos ou catadupas, que o viajante encontra de Porto-Feliz a Cuiabá, termo da viagem. O *Taquary* fecunda deleitosas planicies matisadas de bosques silvestres, e como descreve curvas pouco extensas, porém muito repetidas, o viajante, encantado, acredita ver uma serie de lagoas.

Visto que os Payagoas, indigenas quasi amphibios destes sertões, sahiam muitas vezes ao encontro dos Paulistas, estes costumavam reunir-se no porto alcunhado *Ponso Alegre*, e formavam ali uma especie de flotilha, cujas forças reunidas podiam faser face ao inimigo.

Em breve chega-se ao lugar chamado *Pantanaes*, onde o rio, dividido e subdividido, fórma uma grande quantidade de ilhas que, no tempo das chuvas, ficam cobertas d'agua. Aqui tudo é novo para o viajante; quer venha da Europa, quer tenha já viajado no Brasil, não reconhecerá os objectos que o rodeiam. Palmeiras de fórmulas singulares, entremeadas com grupos de arbustos odoriferos, bordam o rio; os passaros mais curiosos voam em bandos de todos os lados. A' medida que a piroga se adianta, faz levantar nuvens de gaivotas e patos selvagens armados de immensos bicos; cegonhas gigantescas parece quererem disputar aos caimans o imperio dos pantanos, em quanto cardumes de peixes saltitam no meio das aguas vivas. Em toda a parte o movimento, em toda a parte uma superabundancia de vida; mas a vida dos desertos, a vida dos primeiros dias; o homem não apparece ainda. Apenas de vez em quando a ligeira canoa do

indio Guaycuru resvala por entre os arrozaes selvagens que a natureza semeou nestes logares para nutrir os passaros aquaticos em que estas paragens abundam.

O aspecto novo e grandioso dos Pantanáes annuncia a visinhança de um dos grandes rios da America, o Paraguay, que, mesmo em tempos de secca, tem, no confluyente do Taquary, quasi uma legua maritima de largo, e que, quando os Pantanáes estão inundados, fórma segundo Spix e Martius, um immenso lago de mais de 100 milhas quadradas.

Entrado que se tenha no Paraguay, a navegação não apresenta difficuldade alguma. Deste rio passa-se ao rio S. Lourenço, perto do 17 grãos 25'; desemboca-se no rio Cuyabá, bordado de vastas campinas de arroz selvagem, e depois de ter vivido quatro ou cinco mezes em canôas, no centro dos desertos, chega-se á cidade de Cuyabá, ultimo marco da viagem. »

Nesta descripção de Saint-Hilaire, tão verdadeira e poetica, sente-se o perfume da terra virgem! Só quem já adormeceu á sombra das figueiras bravias, ou nos antros mysteriosos de uma destas florestas coévas do mundo, é que pôde avaliar a austera magestade desta narração, em que o homem luta com a natureza, e a sobrepuja.

Entre as tradições materiaes dessas gigantescas viagens, ainda se encontra hoje no porto do rio Tieté, que deu nome á cidade, um esteio apenas do rancho riuno, que ahí se construiu para dar abrigo ás caravanas; tudo mais desapareceu.

Differentes estradas convergem de diversos pontos do interior para esta cidade. A de Sorocaba, em pessimo estado; a de Capivary boa na parte que pertence ao districto de Porto-Feliz, e intransitavel nas proximidades de Capivary; a estrada de Itú, soffrivel; a do Tatuy, não está má até certa altura; a de Pirapora, pessima; pela de Tatuy segue-se para o interior das provincias do sul.

Entre as curiosidades naturaes deste lugar, é digno de notar-se o celebre paredão de Ararytaguaba, onde as araras e outros passaros de bico redondo costumavam afiar os bicos.

O paredão é formado por um rochedo salitroso, talhado a pique, á margem esquerda do Tieté. A pouco mais da altura de um homem, acima do nivel d'agua, existe um caminho transversal, aberto na rocha, se bem que muito emmaranhado pelos galhos da capoeira e os cordões de cipó, por onde a

muito custo se póde passar, e observar então os singulares arabescos que os bicos das aves escavaram na face do rochedo. Parece o interior de um pagode chinez. Aqui estão desenhados elephantes, acolá parece um baixo relevo representando um jacaré monstruoso, além dissereis descobrir caveiras humanas, e finalmente as figuras mais phantásticas e os objectos mais extraordinarios que podem acudir á imaginação de um cerebro febril.

Andamos esse caminho transversal, e demos depois a volta pela explanada, que forma o cimo da montanha. Gosa-se deste ponto uma vista admiravel, pois se descobre as deliciosas curvas do rio e o vulto pittoresco da cidade, reclinada á beira das aguas fundas e adormecidas.

As linhas que acabamos de traçar a respeito de Porto-Feliz, foram inspiradas pelas agradaveis conversas que tivemos com o nosso presado amigo Dr. Alvarenga Pinto ; possa elle por tanto, quando lhe chegarem ás mãos, acolhel-as como nos recebeu a nos proprios, e será essa a sua melhor recompensa.

(Continúa.)

A. E. ZALUAR.

Litteratura portugueza.

DIOGO BERNARDES.

Ao grupo de escriptores classicos, que seguem em jerarchia o illustre cantor de Vasco da Gama e dos descobridores do Oriente, ao lado de Antonio Ferreira, Sá de Miranda, Pedro de Andrade Caminha e fr. Agostinho da Cruz, vem associar-se Bernardes, o autor do *Lima*, das *Rimas varias* e das *Varias rimas*, trez livros de versos, iguaes na origem e mui desiguaes em merecimento.

Se, porém, em geral, Diogo Bernardes póde collocar-se na cathogoria desses escriptores subalternos, ha um genero de

poesia, em que foi tão eminente, que não só se eleva a perder de vista acima delles, mas se installa, não direi acima de Camões, direi sómente ao seu nivel.

Nas veredas de Theocrito e na tão arriscada imitação da bucolica virgiliana, Bernardes quasi toca o ideal, que procura, e de taes matizes borda as suas concepções poeticas e mistura nas suas trovas tanto coração, tanta simplicidade, tanta candura, tantas reminiscencias vivas e perfumadas da idade de ouro, que o artista parece desaparecer e só ficar no seu lugar o homem dos campos, que traduz na lingua poetica as suas emoções com a espontaneidade da calhandra e do rouxinol, a quem a natureza ensina a cantar.

Se Diogo Bernardes, compondo o seu Lima, como os pastores da Arcadia improvisavam outr'ora, se pudesse desprender dos preconceitos funestos do seu tempo, e, desprezando as formas classicas, communicasse á textura do idyllio a liberdade da inspiração, o Gesner portuguez rivalisaria com o Gesner allemão, e a nossa litteratura seria uma das mais ricas em poesia campestre, ainda que um escriptor moderno (*) sempre poderia dizer que nenhuma litteratura da Europa póde offerer um corpo de poesias bucolicas, como as que deve a Allemanha ás pennas de Gesner, Voss e Goethe.

Cada vez que me occupo com estas considerações, lamento mais vivamente que os effeitos e a reacção litteraria da Renascença se prolongassem até tão tarde e que a sua influencia, em si benefica e saudavel, porque expunha á admiração publica, os eternos modelos do Bello, creados pela civilisação grega e romana, se convertesse com o curso do tempo n'uma verdadeira fatalidade; pois que se oppoz ao desabrochamento espontaneo do genio moderno e devorou, como um turbilhão, faculdades tão ricas, tão poderosas, tão promettedoras.

Diogo Bernardes, com a sua grande vocação, e com o peculio da experiencia, que não podia deixar de ter adquirido durante a sua existencia pittoresca e cosmopolita, porque não havia de prescindir do dialogo virgiliano, renunciando aos moldes solidos, criando uma egloga moderna, reflexo desta egloga permanente, que todos os dias se testemunha nos campos, nas conversas dos pastores e lavradores do sertão, diante dos outeiros coroados de pampanos, á sombra das florestas antigas, na orla das veigas floridas? Theocrito e

(*) Loève-Weimar, Historia da Litteratura allemã, *in fine*.

Virgilio, Sannazara e Garciluseo, o Tasso e Montemayor podem passar da memoria dos homens: os quadros eternos da natureza não se desvanecem. Diogo Bernardes, pagando á Grecia, a Roma e á egloga hespanhola e italiana o devido tributo, derramando nas suas poesias o verniz das suas reminiscencias de leitura, podia inspirar-se mais directamente do Cosmos, e elevar-se na ordem dos nossos poetas classicos.

Então já não seria o imitador brilhante, mas demasiado servil, dos engenhos perigrinos e nacionaes, que o precederam — seria sem duvida um poeta verdadeiramente creador e digno compatriota e collega de Luiz de Camões. Se não grangeasse a nomeada universal, que só dá a magestade da epopéa e a magnificencia do genio coadjuvado por um dos mais extraordinarios successos da historia do mundo, qual foi o que por destino coube a Camões, o seu lugar seria bastante elevado para satisfazer as ambições menos humildes e de certo lhe não pesaria occupar ao lado do seu glorioso companheiro a posição que ao lado de Homero occupa o illustre autor dos *Trabalhos e os Dias* (**)

A numerosa colleção de Cartas, que em seguida ás eclogas faz parte do volume intitulado *o Lima* corrobora as suspeitas de que Diogo Bernardes podia occupar na poesia bucolica um lugar mais distincto. Essas cartas estão cheias de descripções ainda que imperfeitas, muito bellas e muito poeticas; nellas e na simplicidade da dicção se revê uma alma candida, inclinações romanescas e artisticas, sentimento muito desenvolvido, imaginação rica, espirito culto e dotado de bom gosto.

Diogo Bernardes contemporaneo ainda pelo berço das nossas glorias e grandezas do seculo XVI é uma personificação formosa e risonha do nosso Portugal da meia-idade e da Renascença, é um destes nomes, a cuja pronunciação, como diz Mme. de Stael, a imaginação se desperta, o coração se move, o enthusiasmo se accende.

A sua cabeça tanto se corôa com o louro, o myrtho e as rosas, como se cobre com o elmo e o chapéu de ferro. Suas mãos ora sustentam o montante e a lança, ora a penna e a lyra. Seguindo a carreira das armas, o poeta apprende a sua experiencia na escola da mocidade portugueza dos seus tempos, vê o zenith da nossa gloria, assiste ao seu eclipse na batalha de Alcacerquibir, é prisioneiro dos mouros, os seus compatriotas

(**) Hesiodo.

o resgatam, e ao fim de tudo, vem soltar no remanso da patria o canto do cysne, á sombra das florestas da sua infancia, na ribeira do seu rio natal.

Que destino ! o homem que passou o melhor da vida ao sol da guerra, coberto de aço e de bronze, expira n'um canto obscuro de Portugal, escondido entre a folhagem, alternando canções de anachoreta, de rhapsoda, de galante, de cortezão e de philosopho ! Quem diria que seus versos tão parecidos com os de seu irmão, um dos poetas menos memorados, mas mais insignes d'aquelle tempo, eram inspirações de um guerreiro ? Onde se revela, onde se advinha o passado desse guerreiro, que perfeitamente imita o mavioso, terno e suave Agostinho da Cruz, homem da paz, que cedo aprendêra, na solidão do claustro a arremedar os gorgeios dos pintarôxos, e dos melros, que viriam despertar os eccos da cêrca nas suas madrugadas de saudades e de religiosas enlevações !

E' força comtudo que se diga — os trabalhos do cantor do *Lima* não satisfazem a expectativa, em que está quem se informou dos seus precedentes biographicos. Os versos, que escreveu durante o captiveiro africano, são um reflexo desmaiado do que podiam ser, e sem duvida era provavel que um poeta-guerreiro, um homem de intelligencia e de coração, que assistira á batalha infausta de Alcacerquibir e agora volvia os olhos saudosos para as terras e as praias do norte, sentisse romperem-lhe detraz da linha azul do horisonte, raios de uma inspiração mais viva, dó que a que traduzio nas suas canções.

A idéa religiosa devora e abafa tudo. Se o poeta solta agora e logo limpidos clarões de um lyrismo entusiasta, se a natureza poetica não se renega de todo, e espalha repetidas vezes sobre esses cantos do exilio um aroma suave e delicioso de saudade e de poesia, o mais vulgar é ouvir o poeta, de mãos postas e lagrimas nos olhos, invocar o auxilio do Christo na linguagem da devoção e esquecer-se da arte e da humanidade, para se concentrar nas meditações ecclesiasticas e na invocação da graça divina.

O poeta e o homem se convertem no devoto e no christão. A elegia é substituida pela jaculatoria. O dogma e as formulas de religião positiva absorvem a actividade d'um coração verdadeiramente poeta, d'uma alma verdadeiramente humana, d'uma natureza, em cujos instinctos o equilibrio é normal. O artista, o litterato desaparecem ; fica apenas o

catholico fervoroso, que não sabe tradusir as suas emoções interiores senão na phrase commum da piedade popular.

Diogo Bernardes nos *Varias Rimas* falla mais de uma vez a linguagem adequada á sua situação de desterro e revela-se como trovador espontaneo e natural: « Estes montes, diz elle, estes campos, estes povoados, este mar recordam-me outros montes, outros campos, outros povoados e outros mares. A essa vejetação, porém, nessas solidões medonhas e desconhecidas, que se estendem diante de meus olhos, nesses semblantes fuscos, que me rodeam, entrevejo a imagem do desterro! Bosques, montes e campos da minha terra, quando vos tornarei eu a ver? » Mas estas saudades passam como a lingua, em que o poeta então se exprime e succede-lhes a prece, mas não esta prece eloquente, impetuosa, inspirada, revelada, que todos nós soubemos no dia da afflicção, como se exprime o respeitavel poeta do *Monasticon*; mas uma prece monotona e prolixa, em que as chagas do Christo, a virgindade de Maria e os dogmas do catholicismo recebem á competencia o tributo dos tercetos e dos sonetos. Falla-se menos no Creador, no segredo da vida, no destino humano, na lucta interior do coração, do que nas particularidades e minudencias do cathecismo; amiudam-se menos as interjeições do homem que contempla os mysterios da dor, do que os jogos de palavras, os conceitos, os refinamentos sobre a idéa religiosa. Procede o poeta perante a Divindade, como os proselytos de Gongora na presença de suas namoradas; a eloquencia sublime, mas austera, dos poetas verdadeiramente religiosos é proposta ao gongorismo da devoção. Além da bucolica, da epistola e da elegia, o soldado de D. Sebastião votou particular affecto a um genero de poesia, cujos estudos são numerosos na colleção das suas obras poeticas. A cantiga, a endeixa popular, que amenisa os ocios do trabalhador e lhe faz esquecer o duro de seus suores, mereceu as attenções de Bernardes, que a cultivou em portuguez e em castelhano.

Endeixas de queixumes e de amores foram sempre queridas e populares na Europa, e ainda no meio das trevas da idade media, quando as litteraturas não accordavam, quando as primeiras tentativas dramaticas ainda não appareciam, já os trovadores, os menestreis multiplicavam as suas trovas,

umas vezes á mesa dos grandes, outras vezes nas praças publicas, aos ouvidos do povo.

Italia e Castella foram mais conhecidamente inclinadas á suavidade das endeixas populares, e nesta sympathia as seguimos nós, cuja litteratura se estréa por fragmentos de graciosas cantigas, (*) antes de Gil Vicente e Bernardim Ribeiro inaugurarem definitivamente a vida litteraria da sua nação.

Diogo Bernardes, genio todo meridional, todo portuguez puro e classico, fiel ás tradicções da Italia, de Castella e do seu proprio paiz, amou-as e continuou-as, enchendo a sua carreira de poeta com estas endeixas, que são muito numerosas no conjuncto das suas obras, mas que de certo o seriam infinitamente mais, se podessem reproduzir-se na sua integra.

Quanto seria curioso que á imitação do que se faz nos nossos tempos se assignalasse no fecho de cada uma d'essas cantigas o local e a data, em que foram escriptas por seu autor! Leríamos ahi ponto por ponto o romance da sua vida quasi anonyma; um drama das mais pittorescas peripecias se desenvolveria diante de nós; intrigas de amores, malquerenças de amizade, tedios da soledade, esperanças do desterro, amarguras delle, saudades da infancia em hora de attribuição, vagos anhellos, vagas reminiscencias de um coração amestrado pela vida e pela experiencia, tudo ahi decifraríamos com espanto diante d'essas datas: o que hoje nos parece morto parecer-nos-hia então vivo e animado; ao que hoje ligamos interesse, liga-lo-hiamos então maximo; e o que hoje não lêmos ou lêmos a custo, havíamos de devoral-o e de repetil-o mil vezes, porque o havíamos de comprehender.

Estas reflexões, que faço a respeito da parte menor dos versos do Bernardes, são igualmente applicaveis ao Lima, e, generalizando, a todas as obras d'esses escriptores, que chamamos classicos e que hoje, retirados da leitura commum, parecem lettra morta, porque tiveram a infelicidade de viverem na epoca da escuridade — epoca verdadeiramente de escuridade, porque o foi ainda o seculo XVI, apesar de ser já illuminada pela luz do sol em comparação com os seculos transactos e com a noute fechada da idade media. Esses escriptores são como camaras, de que nos falta a chave e que

(*) Endeixas de Egas Moniz etc.

apenas entrevemos por um orificio. Se podessemos entrar dentro, se podessemos transpôr esses umbraes, veriamos, a uma luz clara, bellezas e esplendores, que hoje nos escapam.

As endeixas de Diogo Bernardes ser-nos-hiam mais estimaveis, se as não lêsse-mos nuas e descarnadas n'um texto morto e mal impresso. Talvez muitas as compuzesse o autor para suavisar as horas amargosas do seu desterro, para lá do Estreito de Gibraltar. Outras durante o curso de alguma paixão por dama portugueza ou castelhana, que ao aproximar-se do nosso poeta-guerreiro e activando os seus generosos instinctos, dêsse origem a algum complicado drama, cujas particularidades não chegariam até nós. D'outras seria o objecto apercebido, quando o digno compatriota de Luiz de Camões, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque e D. João de Castro correu o mundo, para colher na ponta da sua espada a corôa da gloria.

Mas se não podêmos comprehender plenamente o illustre e mavioso autor das ribeiras do Lima, os volumes, que nos deixou, podem inspirar-nos uma admiração sincera e uma sympathia sem limites. Sympathia — é o que caracteriza o terno e suave Bernardes, e de certo não ha no renque dos nossos escriptores antigos outro, que mais a mereça. Puliu a lingua e adalçou-a com a linguagem do seu coração. Se não tem a philoiphia grave de Antonio Ferreira, tambem não tem as suas durezas; se não iguala a magestade de Camões, é seu rival na egloga. O nome de Diogo Bernardes é um dos mais formosos nomes da nossa historia litteraria. —

LEONEL DE SAMPAIO.

CREIO EM TI.

Eu bem sei quanto te devo,
 Quanto amôr, quantas caricias,
 Que ternura e que delicias,
 Que preser, que doce enlevo!
 Bem tô sei, Fôra loucura,
 Fôra excesso de paixão,
 Exigir maior ventura
 Para um pobre coração.

Bem no sei ; nunca m'esquece,
Que mais facil se esquecêra
Das flores a Primavera,
Com que o campo se guarnece;
Bem no sei... Ai ! não olvido
Quanto soffreste e soffri :
Se por instantes duvido,
Não me accuses : — creio em ti.

Mas é no mundo, — que odeio,
Que nos rodeia d'espinhos,
Que nos insulta os carinhos, —
E' no mundo que não creio.
Que ao centro da singeleza,
Que nos guarda, — bem no vês —
Chega o insulto da riqueza,
Na bocca da estupidez !

Bem hajas tu que o vingaste,
O nosso amor offendido,
E o fofo Cresso atrevido
Com teu desdem fulminaste !
Oh ! dá-me um beijo ! O futuro,
Leio em sonhos, que sorri.
Da-me outro beijo ! e te juro
Que te adoro e creio em ti.

ERNESTO CIBRÃO.

JUPITER.

(Continuado do n. 17)

II.

Ahi temos o nosso heroe sobre o throno de seu pae, e por conseguinte, senhor do Ceo e da terra.

Nesses felizes tempos ainda os legisladores consentiam que os monarchas fossem homens, semelhantes em tudo aos outros homens.

A civilisação descobriu-lhes um orgão inconveniente, e reconhecendo a impossibilidade da amputação, deliberou reduzi-lo á insensibilidade.

Esse orgão funcionava nos soberanos, como em nós, e era regulado pelas molas que lhe collocára a natureza, brandas em uns e fortes em outros.

A civilisação paralisou-lhe o movimento natural, obrigando-o a obedecer á mola da lei, menos flexivel e mais dura.

O mais bello e mais nobre dos sentimentos foi suffocado nos peitos reaes, e os monarchas precisam de encarar a mulher como simples instrumento de procreação. Faz-se hoje a escolha em amplo mercado. O coração foi substituido pelo almanack.

O meu heroe não era homem que pudesse encarar o casamento como transacção commercial, em que a mulher, a obra mais perfeita do creador, (exceptuando a tal que me cahiu pelos versos abaixo) figura unicamente como endosso da letra que assegura o dote. Se vivesse hoje seria celibatario, ou viria pedir-me a sobredita exceptuada, que eu de bom grado cederia, não só a Jupiter, mas ao mais infimo dos seus creados da cavalhariça. Eu cá sou assim.

Livre das algemas forjadas depois pelo progresso, o illustre rei do ceo e da terra tentou casar-se, e não pediu ás côrtes que lhe escolhessem a noiva.

Adivinhou, e não fez nada de mais, porque era um Deus, que um dia viria ao mundo um homem destinado a immortalisar-se como seu biographo: advinhando-me tambem o modo de pensar a tal respeito, julgou conveniente captivar-me a sympathy, escolhendo para sua esposa

a mulher que mais amava. Infelizmente, porém, a sua previsão não lhe mostrou o andamento da civilização até á nossa época, e hoje, a aprovação do enlace que realisou seria um agravo á pureza dos nossos costumes. Jupiter casou com sua irmã Juno, e não me consta que, ao menos, por conveniencia, omittisse este parentesco nos *cartões* de participação, que então se chamavam bilhetes.

Lamento que a seriedade da minha missão me obrigue a dar noticia deste incestuoso consorcio; ainda bem que, para diminuir a má impressão que deve causar um acto semelhante, posso registrar outro em que o heroe apparece grande, magestoso, admiravel.

Jupiter não era egoista. Repartindo a successão com a familia, tomou conta do ceo, por ser mais alto, deu a Neptuno o imperio das aguas e a Plutão o dos infernos. Habilitou-se para ter sempre a meza abastecida de peixe fresco, e ficou com um vasto estabelecimento ás suas ordens, para accomodar convenientemente os seus inimigos.

Imperador do inferno, foi Plutão o mais feliz dos tres irmãos, pela riqueza e magnificencia a que se elevou o seu imperio.

Monarchas poderosos, fidalgos de tres mil gerações, opulentos capitalistas e ricos negociantes tem ido fixar a sua residencia nos dominios de Plutão, sendo-lhes facil o accesso, com a appresentação de valiosissimos attestados. O soberano, reconhecendo a necessidade de sujeitar aquella gente a uma lei que reprimisse os excessos, mandou comprar um caderno de papel, e encarregou uma commissão escolhida da redacção do codigo, que brevemente foi posto em vigor. Tinha cousas magnificas em theoria, mas que falhavam completamente na pratica. Notou o monarcha que, em todas as discussões, nenhum fallava em « patria » sem collocar a mão sobre o estomago;—se, no ardor do entusiasmo, bradavam que só pugnavam « pelo bem do paiz »— não soltavam esta patriotica phrase sem apontarem para suas casas! Isto desgostava o imperante. Alguns traziam no lado esquerdo, sobre a casaca, um espelho de gaveta de commoda; outros tiravam de uma das pernas a liga que prendia a meia, e passavam-a pela casa do *paletot*, mostrando a côr brilhante; outros appropriavam-se de alcunhas, que designavam a terra onde tinham nascido,

ou outra em que possuíam alguns palmos de terreno. Era, finalmente, um caos, onde cada um fazia o que desejava, oppondo-se a que os outros usassem de igual liberdade. Systema representatorio, era o titulo do desastrado código, que tanto se prestava a esta serie de abusos. S. M. D. Plutão I já torcia o imperial nariz com receio de maiores disturbios, e, para assegurar a paz nos seus estados, teve uma felicissima idéa. Escreveu ao seu correspondente neste mundo, encarregando-o de *engajar* magistrados, escrivães, procuradores e aguazis para fazerem executar com rigor as suas leis, reprimindo os abusos com o castigo conveniente. Não lhe esqueceu a possibilidade da urgencia de pena de morte; e como não queria que os seus subditos morressem impenitentes, encommendou tambem a remessa de alguns padres, determinando em um regulamento as qualidades exigidas nos membros de todas estas classes, que tivessem de ser *engajados*. Procedeu-se á escolha, e, se D. Plutão I não tivesse fixado o numero, por pouco ficaria o mundo em plena liberdade, sem executores para alguma das leis! Tal era o merecimento de quasi todos, provado com documentos irrefragaveis!

Constando-lhe que muitos poetas haviam tentado descrever em verso a grandesa do seu imperio, mandou ir trezentos. Aos musicos que seguiam aqui o seu diapasão, imitando perfeitamente as harmonias ali usadas, offereceu-lhes um lugar distincto.

Mandou *engajar* grande porção de jornalistas, passando aos que ficaram attestados de capacidade, que deviam servir-lhes de ingresso no caso de vacatura.

Não ousou fazer propostas aos politicos, receando que a entrada delles fosse augmentar a desordem que lavrava entre o seu povo; mas, informado do merito da maior parte, mandou preparar aposentos para todos.

Sollicito pela civilisação do seu imperio, mandou distribuir cartas de convite por muitos outros membros de varias classes, cuja enumeração fôra quasi impossivel.

Executado este vastissimo plano, brevemente reconheceu Plutão o seu erro, porque as cousas marchavam cada vez peor, e já o assaltava a idéa de nova tentativa em que immortalisasse o seu nome.

Já nesse tempo andava a ingratição dous passos atraz

do beneficio; hoje, graças ao melhoramento das estradas, anda mais proxima.

O fresco Neptuno, o bojudo Pallas, o calido Plutão e outros deuses, promoveram uma revolução contra o generoso Jupiter, sendo para notar que á frente dos revoltosos se visse a propria Juno, irman e esposa do illustre agredido.

Nasceu, provavelmente, d'aqui o systema das revoluções populares, e eu, obrigado pela fidelidade historica a apresentar a minha deusa nesta situação, lamento devéras ter de contestar, assim, a originalidade da Maria da Fonte. A verdade em tudo.

Emprehendendo este importantissimo trabalho fui forçado a recorrer á historia antiga da Hespanha, onde verifiquei què os ascendentes de D. Manoel de La Concha não tiveram conhecimento deste successo. Fica, pois, salvo de qualquer mancha o patriotismo do meu heroe. Vê-se que Jupiter, apezar do muito cuidado que forçosamente devia dar-lhe a sublevação em que sua mulher tomava a iniciativa, não recorreu á intervenção hespanhola.

Se a alta posição de Jupiter podesse ser disputada por qualquer, de certo elle se veria só, tendo em cada cidadão um inimigo, como todos o eram uns dos outros, a despeito das apparencias; não podiam ambicionar-lhe o lugar, e por isso muitos o seguiram, dispostos a combatter em sua defesa, certos de que a victoria, despertando a gratidão no monarcha, lhes daria vantagens incalculaveis. Do outro lado reinava o mesmo leal pensamento.

Pelo seu valor, e com decidido apoio dos seus, pôde Jupiter desbaratar os sublevados, levando-os em precipitada fuga até ao Egypto, onde os obrigou a tomarem diversas fórmas. Desconfia-se que sete desses desgraçados figuraram ali depois como pyramides. Carece de confirmação esta suspeita.

Este poder de transformar os individuos, filiando-os pela fórma e pelos instinctos em raças differentes d'aquellas que lhe deram origem, é, de todos os attributos de Jupiter, o unico que eu sinceramente invejo. Se o tivesse já não teriam conta as transformações operadas por mim; e tenho a certeza de que prestaria um grande serviço á sociedade actual, collocando nos lugares competentes muitas pessoas

que, abusando da liberdade, figuram impunemente em classes a que só podem pertencer pela apparencia.

Continuemos. Orgulhoso com tão completo triumpho, julgava-se Jupiter seguro para sempre no throno a distancia que o separava dos seus inimigos, parecendo-lhe incomensuravel, affiançava-lhe a impotencia destes para debellal-o. Cego pela intensidade do brilho da luz celeste, o monarcha ainda não tinha descoberto a existencia das sociedades secretas. Descobrindo-as, não lhes daria a verdadeira importancia, pela má interpretação que nesse tempo se dava ás cousas. Sabendo que se ventilavam ali questões de legitimidade, descansaria á sombra dos titulos que lhe asseguravam a sua, por ignorar que o rei legitimo é o que tem força para supplantar o outro, igualmente legitimo emquanto pôde sustentar o sceptro. Se lhe dissessem que se tratava do bem do paiz, como nos dominios de Plutão, ficaria tranquillo na prosperidade do seu, por não saber que em taes casos se divide o paiz em tantos paizes quantas são as parcialidades que discutem, e que, procurando cada uma o augmento do seu, resulta forçosamente a decadencia geral. Jupiter não entendia destas cousas, dormia socegado e nem sonhava a possibilidade de lhe darem cebo nos degraus do throno. Enganou-se desta vez, e seria funesta a consequencia do engano, se lhe não valesse a sua extraordinaria coragem. Os conspiradores convocavam todos os seus satellites, que se juntavam em reuniões numerosas; discutiam-se calorosamente os alvires apresentados; nasciam da divergencia de opiniões, polemicas interminaveis e inconvenientes, trocavam-se doestos, fallava-se da vida particular de cada um, e acabava muitas vezes em tumulto a sessão em que era indispensavel a mais fraternal cordialidade.

É desnecessario procurar em outra parte a verdadeira origem dos parlamentos.

Rebentou por fim a revolução, tomando nella parte activissima os gigantes, filhos de Titan, famosos auxiliares em tão difficil conjunctura.

E' pena que não deixassem raça.

Os rasgos de coragem e valentia praticados por esses homens extraordinarios, seriam inacreditaveis se não fizessem parte da veridica e incontestavel historia dos inclitos heroes da mythologia.

Ainda hoje a humanidade contempla assombrada mil prodigios, ignorando que os deve aos herculeos filhos de Titan. Vejam isto :

« Ante-hontem, 3¼ depois da meia noite, foram encontrados dous individuos desconhecidos, que conduziam, cada um, debaixo do braço, um volume informe. Interrogados pela patrulha, fugiram, em direcções diversas e, sendo perseguidos, largaram a presa, e desappareceram. Estes individuos tornaram-se ainda mais suspeitos pela corpulencia. »

Estas linhas foram extrahidas das partes da policia d'aquelle tempo. Verificou-se mais tarde que esses dous volumes eram o *morro do corcovado*, e o *pão d'assucar*. Já se sabe que os individuos suspeitos eram, nem mais nem menos, dous cidadãos revolucionarios, que se dirigiam ao lugar combinado entre todos, com o fim de collocarem a sua pedra no alicerce do edificio que devia eleva-los ao throno de Jupiter.

Era o plano accumular montanhas sobre montanhas, pedras sobre pedras, e subirem depois a escalar o ceo, enxotando o monarcha, e dividindo depois entre si o governo.

Pouco versado na linguagem dos deuses, não assevero que esses chamassem republica ao systema que pretendiam inaugurar.

Tentaram, pois, o assalto, trepando furiosos pela montanha enorme que haviam disposto para a ascensão, e era tal o impeto com que se elevavam, que pareciam, como mais tarde o abba de Jazente, animados pelo desejo de

*Subir da lua ao globo, alto e rotundo,
E, depois de apanhar-se lá de cima,
Apertando o nariz, cuspir no mundo.*

Teriam vencido, talvez, meio caminho, quando Jupiter, que não era para graças, os obrigou a descerem a galope todo o terreno que difficilmente tinham subido á passo. O caso foi assim :

O heroe tinha á sua disposição os raios, de que usava frequentemente, nas mais ligeiras necessidades domesticas.

Acabava de servir-se de um para accender um cigarro de papel, quando notou a ousadia dos assaltantes. Teve

vontade de rir, mas evitou dar confiança á canalha, cujos serviços lhe não eram precisos. Expellindo o raio, ainda acceso, sobre elles, do mesmo modo que o arrojaria para outro lado, deu causa a terriveis estragos !

Os gigantes, cahindo fulminados, desciam aos trombolhões uns sobre os outros, e Jupiter, olhando com a maior indifferença para o movimento d'aquella cascata de nova especie, estendeu cá para baixo uma das pernas, deu um tremendo pontapé no topo da montanha, e lançou tudo a terra, deixando os inimigos sepultados sob as ruinas, e legando um modelo para os fossos em que ainda hoje enterramos nossos irmãos, quando ousam disputar-nos o pedaço que nos desafia o appetite.

O monarcha ficou tranquillo no seu posto, saboreando o cigarro, mas não o julguem por isso um desalmado, surdo, ou insensivel aos gritos dos infelizes. Ouvindo-os distinctamente, conservou-se impassivel, porque os confundira com os desabafos de uns bois que pastavam em um campo, proximo do lugar do successo.

Assegurou-se então o reinado de Jupiter, que orgulhoso do seu poder, e livre de maquinações alheias, se esqueceu completamente da sua gloria, para dar-se todo aos praseres mundanos.

Se tivessem existido treze monarchas do mesmo nome, o seculo de Jupiter 14.º daria assumpto para uma obra em dez volumes.

Estamos chegados ao ponto mais difficil do meu trabalho biographico. Eu quisera poder lançar um espesso veo sobre algumas scenas da vida particular do meu heroe ; mas seria incoherente, visto que censuro as empresas theatraes quando fazem amputações em dramas alheios, cerceando a gloria de seus authores, embora prestem, muitas vezes, serviço ao publico.

É certo que alguns desses actos offuscam consideravelmente o brilho de que se cerca o grandioso vulto ; mas o sol é manchado frequentemente pelas nuvens ; as faces das mais bellas damas perdem o avelludado da rozea côr sob as camadas do pó d'arroz ; e nem o rei dos astros deixa de recuperar o seu fulgor primitivo, nem as damas desconhecem na agoa o poder de restituir-lhes a natural belleza.

Jupiter será sempre Jupiter, e só tenho a lamentar que

muitos desses actos que eu dezejara ommittir, fossem perniciosos exemplos para a humanidade, que teve a fraquesa de adoptal-os, transmittindo-os de paes a filhos e de filhos a netos. É forçozo, porem, obedecer á imperioza voz da minha consciencia biographica. Obedecerei.

O leão é o rei dos animaes, pela magnanimidade dos instinctos, pela elegancia da fórma e pela magestade do porte.

Ora, se depois de tão longo espaço vencido no caminho da civilisação, deiznamos pelo nome d'aquelle animal o homem escravo da moda, saliente pelo aceio, propenso aos gozos do mundo, e, sobre tudo, conquistador de praças femininas, não é crível que em tão remota epocha houvesse igual gosto na escolha do adjectivo, sem que, todavia, deixasse de existir um pelo qual fosse designado o individuo em taes condições. Se o *elegante* de hoje é *leão*, eu julgo ser claro na enunciação do meu pensamento declarando que Jupiter se tornou *urso*; quero dizer, fez-se conquistador, e, com a faculdade que possuia de transformar-se, como e quando lhe convinha, era impossivel a resistencia contra as suas aggressões.

Contarei com toda a singeleza da minha innocencia, algumas das suas mais notaveis aventuras amorosas.

Inimigo, como sou, de prevenções infundadas, peço ao leitor que não censure a vastidão dos meus conhecimentos mythológicos, fundado na perda de precioso tempo.

Eu sei que lucraria mais instruindo-me nos dogmas do christianismo, e propagando mais piedosas doutrinas; mas não escrevo eu para gente que disso precise, nem posso ser superior á moda que nos arrasta para o alheio, com escandalosa indifferença pelo nosso. E' assim em toda a parte, e em tudo.

Na litteratura, então, é uma desgraça. Servem para todos os paizes os seguintes versos de um poeta castelhana :

*Espanol que talvez recitaria
Quinientos versos de Boileau y el Tasso,
Puede ser que no sepa todavia
En que lengua los hizo Garcilaso.*

Aos que me accusarem de frivolo, por me entreter com as conquistas de Jupiter, responderei com Gregorio de Mattos:

*Da pulga ao bo que Ovidio tem escripto ;
 Lucano do mosquito ;
 Das rans Homero ; e estes não desprezo,
 Que escreveriam materia de mais pezo,
 Do que eu, que canto cousa mais delgada,
 Mais chata, mais subtil, mais esmagada.*

Ainda assim livre-me Deus de comparar o meu heróe com o individuo a quem foi dirigida a satyra de Gregorio de Mattos.

Vamos adiante :

Antiopa, mulher de S. M. o Senhor D. Lyco, rei de Thebas, fôra abandonada, sem causa, pelo real marido que, segundo resam as chronicas, não era fiel seguidor dos preceitos matrimoniaes. Vivia Antiopa muito honestamente, separada do mundo, e resolvida a abrir brecha no coração de D. Lyco com o punhal do remorso, que de certo o assaltaria quando tivesse occasião de notar o procedimento de sua mulher, se a consciencia não tivesse acompanhado o juizo na viagem que fizera para longe do lar domestico.

Eu creio pouco em remorsos ; mas tudo seria possivel se um olho de Jupiter não fosse illuminar as trevas d'aquelle modesto recinto de virtude. Vendo-a, o heroe ficou pateta, como succederia a qualquer de nós, por ser Antiopa obra muito bem acabada, e ainda com todo o verniz da mocidade. Informado das circumstancias mais particulares da vida da infeliz mulher, Jupiter concebeu logo o plano de seducção, devendo as informações que o auxiliaram á louvavel dedicação de uma vizinha da pretendida. Já nesse tempo existiam vizinhas. Ahi temos o candidato transformado, e de tal maneira que tornou a aproximação facilima, sem que por isso fique alguém authorisado a morder no calcanhar da virtude de Antiopa, honestissima creatura, que só desejava o regresso do real esposo, que ainda amava deveras. Já então eram assim as mulheres : ou amam muito ou nada ; — nós não amamos tanto nem tão pouco.

A aproximação realisou-se, e não assistiu á conferencia tachigrapho para tomar nota das particularidades da sessão.

Sem recursos para historial-a, e tendo notado a effervescencia da saudade no coração de Antiopa, limito-me a dizer que Jupiter, para apparecer á esposa abandonada, teve a

maldita lembrança de tomar a figura do marido ausente !...
Panno abaixo.

D. Lyco, porém, tinha já desposado Dirce, comadre daquela boa vizinha que auxiliára Jupiter. Esta, ignorando a transformação, teve a delicadesa de annunciar a visita á noiva que, tomando como realidade offensiva o que apenas era engenhosa ficção, deixou-se dominar pelo ciúme, e perseguiu cruelmente a pobre Antiopa. Da volubildade de Lyco originou-se a bigamia, e da perseguição á victima nasceu o dictado : « Sobre queda couce. »

N'aquella época acreditava-se em agouros, e foi nessa fatal superstição que mais tarde se fundou, para a elaboração dos seus trabalhos, o immortal propheta *Bandarra*.

Em Argos havia um rei chamado Senhor Acrisio, que acreditava piamente nestas cousas. Tinham-lhe agourado um acontecimento fatal para sua filha, se a não conservasse sempre a dez leguas de distancia de todos os homens. Não querendo mandal-a para tão longe, lembrou-se de encerrar a pobre Danae em uma gaiola de arame, convencido de que a livrava para sempre de todo o contacto masculino. Teria pensado muito bem, se Jupiter usasse de saia ; como vestia calções, nada valeu a prevenção de Acrisio.

Vendo a joven Danae engaiolada, o nosso heroe reconheceu a necessidade de engaiolar-se tambem, e convertendo-se, para isso, em chuva de ouro, começou a cahir em pequenos fragmentos dentro da gaiola.

Algumas conheço eu que abririam a boca para apanharem a chuva, apenas lhe vissem a côr, embora não podessem depois apparecer na sociedade sem mascara sobre o rosto ; mas não era assim a filha do Senhor Acrisio ; entretanto, não a salvou a boa indole. Seu pae, que tão previdente fôra encerrando-a na gaiola, tinha-se esquecido de dar-lhe um guarda-chuva. Não podia advinhar, e outro adagio teve ali a sua origem : « Quem anda á chuva molha-se. »

A verdade é que, parodiando o elegante deus da fabula, alguns pansudos mortaes da historia se têm transformado em trovoadas de ouro, com o mesmo fim ; com a differença de que nesse tempo era o pae que guardava Danae ; agora são os Acrisios que entregam as filhas, muitas das quaes seriam menos infelizes se fosse livre a vontade do seu coração.

Isto seria intoleravel, pela desigualdade, se a mulher fosse

sempre a victima. Para vingar o sexo, lá apparece uma que, á vista do ouro, passa o coração para traz das costas, a alma para o inferno e o pudor para as faces dos parentes. De uma destas fallava Frei Soeiro, transformado em diabo, na D. Branca de Garrett :

*Aquillo sim, que é moça d'outra casta,
Desenganada, não destas piegas
Que não sabem se querem, se não querem,
Que estão morrendo por se dar ao diabo,
E resando abrenuncios....*

Chamava-se Europa uma filha de Agenor, que era rei da Phenicia, não sei se por graça de Deus. Jupiter deixou-se fascinar pelos seus encantos, o que não era difficil, e começou a passar-lhe pela porta, ora a pé, ora a cavallo, sempre vestido no ultimo apuro. Europa reconheceu-lhe a intenção, e poz-se em guarda, porque já lhe não era estranha a fama do pretendente. Este, estudando o character da dama, convenceu-se de que, em figura humana, seriam impotentes todos os sacrificios. Transformou-se em touro, e continuou a rondar-lhe a porta, até que chegou a occasião. Aproximou-se da pretendida, que não usava de balão, abaixou-se convenientemente, e quando se ergueu já a graciosa princeza lhe pesava sobre o costado! Dado o primeiro passo com exito feliz, o apaixonado amante partiu a quatro pés, muito contente por ter conquistado a sua querida Europa! De tal estrategia não se lembrou Bonaparte.

A mais celebre das suas aventuras é, decerto, a que vou narrar, e será a ultima.

Tyndaro, filho do rei de Sparta, era casado com uma linda moça chamada Leda, cuja feição mais saliente era a predilecção pelas aves. Não existia ainda a encantadora raça dos cãesinhos de felpo branco.

Ora, Jupiter não podemos dizer que fosse verdadeiramente uma ave, mas seria imprudencia asseverar que o não era, depois de sabermos que podia ser tudo quanto lhe aprouvesse. Conhecendo a mania de Leda, tentou immediatamente inscrevel-a no immenso catalogo das suas conquistas, e foi engenhoso o meio de que se serviu para isso.

Ahi o temos, pois, de bico aberto, apanhando e engulindo soffregamente os grãos que lhe cahiam das lindas mãos da prin-

ceza, que acariciando brandamente o cysne, não lhe media as dimensões do papo, nem sonhava que o maganão usasse botas.

E se elle cahia como chuva, e corria como touro, não é para admirar que voasse agora. Nem eu sei se voou ; consta-me apenas que, no dia seguinte, Leda era mãe!...

No dia seguinte, é verdade ; mas.... mãe de quem ! Mãe de dous formidaveis ovos, dos quaes sahiram Castor e Pollux de um, Helena e Clytemnestra de outro !... Que horror !

Fôra quasi impossivel a narração de todas as proesas de Jupiter, sendo a maior parte dellas filhas da sua invencivel inclinação para o bello sexo. Quem se der ao trabalho de procurar actualmente rivaes, neste genero, do meu famoso heroe, alguns encontrará que, pela apparencia, devem ser contemporaneos do illustre filho de Saturno.

Phidias immortalisou-se na execução da soberba estatua colossal de Jupiter. Esse monumento não existe ha muito tempo, e é por isso que eu, rival do celebre escultor, tentei erigir-lhe outro nesta biographia. O meu hade atravessar os seculos, porque é de papel. O de Phidias, desafiando a avidez de grandes potentados, desapareceu. Era de ouro e marfim.

CHRONICA

Rio de Janeiro, 1.º Junho de 1863.

O *Jornal do Recife* deu-nos duas noticias importantes, com a differença de alegrar-nos a primeira tanto como nos contrista a segunda; refiro-me ás melhoras de saude de Gonsalves Dias e á morte de J. F. Lisboa, em Portugal. Será verdadeira a ultima ou não passa de um deploravel engano? E' licito duvidar da exactidão della, e, sem offensa á folha pernambucana, deve-se esperar uma confirmação mais positiva. Não é que o facto seja impossivel; mas o silencio da imprensa portugueza a respeito, silencio impossivel, a ter-se dado o caso, abre lugar á duvida. Mau era se a indifferença de um paiz amigo e irmão fosse a unica elegia que tivesse na morte um homem tão illustre como o autor do *Jornal do Timon*.

Pelo que respeita a Gonsalves Dias, a mesma folha refere-se a uma carta do poeta. Os seus soffrimentos não desappareceram de todo, nem deixam de ser grandes; mas o illustre poeta está fóra de perigo. Escreve de Dresde, e ia partir para Carlsrué, a fim de tomar banhos mineraes. A esta noticia accrescenta que tem em mão varios trabalhos litterarios que pretende mandar imprimir em Leipsick. Doente, embora, o grande cantor nacional, emprega a sua actividade em encher de novas joias o seu já tão farto escriptorio litterario. Bello exemplo esse á mocidade de hoje, a quem pertence o futuro do paiz. E' deste modo que o talento é sacerdocio. Que importa o labor de uma longa semana? Ha, para muito descanso, o domingo da immortalidade.

Fallando dos moços e indicando-lhes tal exemplo, devo mencionar, entre outros nomes, o do Sr. Bruno Seabra, mavioso poeta paraense, a quem já os leitores conhecem sem duvida por suas delicadas composições. Acaba elle de chegar da Europa para onde partira ha oito ou nove mezes. Demorou-se em Paris a maior parte do tempo, applicando como melhor pôde, a sua aptidão e o seu desejo de saber. Entre outras composições, trouxe já impressa uma comedia em um acto, que intitulou: — *Por direito de Patchouly*. O titulo indica o assumpto: é a victoria do nescio chelroso na luta com o homem chão e sisudo; cousa que se vê todos os dias, mas que o poeta reduzio a um acto chistoso, facil, epygrammatico, original. Tem Bruno Seabra boss qualidades para o genero, e a sua estréa, se alguma cousa tem de menos, apresenta já uma boa amostra do que elle pôde fazer se não parar neste primeiro trabalho. Estou certo de que o autor das *Flôres e Fructos* corresponderá á justiça que lhe faço, e trabalhará como lhe cumpre na medida de seu bello talento.

Em S. Paulo publicou o Sr. Lulz Ramos Figueira, bacharel em bellas letras e estudante do 4º anno de direito, um volume a que deu por titulo *Dalmo*

ou os *Mysterios da noite*. Em boa justiça devem-se louvores ao Sr. Figueira. Se a sua obra accusa descuidos, revella qualidades de imaginação e de apreciação; ha nella muitas bellezas derramadas por muitas paginas. Uma boa critica não póde deixar de acolher a obra do Sr. Figueira como um presente que promette outros muitos, e a isso fica virtualmente emprazado o autor.

Pertence o Sr. Figueira á mocidade academica de S. Paulo, onde os moços sabem entremear os estudos juridicos com os litterarios, e não esquecem a vocação do berço pelo labor do curso academico.

E já que estou no capitulo dos moços, fallarei de um, verdadeira criança, não tanto pelos annos, como pela ingenuidade do coração e do espirito. E' nada menos que um poeta. Se lhe falta a belleza [da fórma, sobra-lhe o sentimento da poesia, que é o essencial e o que não se adquire.

Quem póde alcançar dinheiro de um usurario? Este é um usurario das musas, e para alcançar os versos que abaixo transcrevo, foi-me preciso uma surpresa. Ainda assim custei a convence-lo depois de que devia publical-os. Consentio sob condição de lhe não publicar o nome. Anui. Os versos não são originaes; são traduzidos de um poeta da Roumania. Não são perfeitos, mas são agradaveis de ler:

Sincero amor tu me juraste um dia
Até que a morte te deitasse o véo;
Tudo passou, tudo esqueceste, tudo,
Cousas do mundo, o erro não é teu.

— — —
« O' meu amado, me disseste, eu quero,
« Eu quero dar-te o meu quinhão do céu! »
Dessas promessas olvidaste todas
Cousas do tempo, o erro não é teu!

— — —
Sabes que pranto derramei no dia
Em que juraste o teu amor ao meu;
Morri por ti, tu me esqueceste, embora,
Cousas do seculo, o erro não é teu.

— — —
Mudo abracei-te; teu ardente labio
Celeste orvalho sobre mim verteu;
Veio depois a gota de veneno...
Cousas do sexo, o erro não é teu.

— — —
Tudo, a virtude, o amor, a fé, a honra,
Tudo o que promettias, te esqueceu;
Ah! nem remorsos nem amor conheces...
Cousas do sexo, o erro não é teu!

A lei do ouro e da banal vaidade
 Dessa tua alma fé e amor varreu;
 Curaste a chaga, amorteceste a sede,
 Cousas do sexo, o erro não é teu.

—

Pezar de tudo, o coração amante
 Ha de bater de amor no peito meu
 Ao presentir-te. Ficas sempre um anjo...
 Cousas do amor, o erro não é teu!

—

O meu poeta procurou conservar a mais stricta fidelidade. Não vi o original e não pude comparar; mas ha expressões, que elle proprio indica, e que são verdadeiras bellasas do original; aquelle verso

Curaste a chaga amorteceste a sede,

é uma dellas.

Parece-me a poesia graciosa, e como tal a offereço aos leitores.

O meu poeta, esse, encerrado na sua *torre de marfim*, adormece e procura esquecer-se, poetando para si. Não louvo nem condemno a reclusão voluntaria; admiro e lastimo.

Para concluir estas linhas, lançadas ao papel em uma época de verdadeiro fastio para mim, menciono o facto que ha muito se não repete de uma reunião, tanto ou quanto numerosa, de artistas nesta côrte. Veio do Sul Arthur Napoleão; de Lisboa, o Sr. Croner, clarinete, que teve em Londres o successo mais lisongeiro que póde ter um artista, o da consagração enthusiasica de critica reflectida e competente. Accrescentem-se a esses — outros, filhos do paiz ou estrangeiros aqui residentes e cujos nomes todos sabem. Se ha occasião para concertos é esta. Se cada um delles der a sua festa artistica póde haver muitas e relativamente esplendidas. No Lyrico o barytono Celestino e o soprano Briol são applaudidos pelos *dilletanti*, e nomeadamente no *Rigoletto*, onde agradaram. Accrescente-se ainda que está a chegar uma companhia de opera comica franceza e ter-se-ha completado assim o capitulo da musica. E eu termino este pedindo excusa da minha aridez.

MACHADO DE ASSIS.

Post-scriptum.

Já estava composta a chronica quando recebi uma noticia que me confirma nas esperanças de uma boa estação musical. Arthur Napoleão officiou á commissão da subscrição nacional offerecendo os seus serviços em favor dos fins para que ella se organisou. Naturalmente a offerta será acceita. E' inutil repetir o que em todos desperta este acto cavalleiresco do distincto pianista.

M. A.